

Expressões de medição temporal: norma, variação e desvio¹

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract

This paper analyses a type of structurally complex time adjuncts in Portuguese, and focuses on aspects of linguistic variation – and sometimes anomaly –, witnessed by the coexistence of various forms to express the same temporal relation. The time adjuncts in question involve (retrospective or prospective) temporal measurement from an anchor point, as in the counterparts of the English expressions *two months ago*, *two months before the elections* or *two months from now*. The awareness of the large amount of variation within the dating subsystem – observed in e.g. newspapers and science books – is of special importance for linguistic normalisation and natural language processing.

Keywords: time adjuncts, temporal measurement, temporal location, duration.

Palavras-chave: adjuntos temporais, medição temporal, localização temporal, duração.

1. Introdução

Nesta comunicação, será analisado um subtipo de expressões estruturalmente complexas que envolvem medição temporal – retrospectiva ou prospectiva – a partir de pontos do eixo do tempo. Seguem-se alguns exemplos destas expressões, que ilustram a diversidade de conectores² que nelas podem ocorrer:

(1) *há dois meses (atrás), havia dois meses, dois meses antes, dois meses antes das eleições, a dois meses das eleições* [medição retrospectiva]

¹ Texto realizado no âmbito do projecto «O Tempo e o Modo em Português» (PTDC/LIN/68463/2006).

² Neste texto, por facilidade de referência, utilizarei o termo “conector” de forma relativamente vaga para cobrir expressões temporais de diferentes classes, nomeadamente: preposições (e locuções prepositivas), conjunções (e locuções conjuncionais) e formas morfológicas do verbo *haver* (em particular *há* e *havia*), que, como sugeri em Mória (no prelo) e estou a fundamentar sistematicamente num trabalho em curso, apresentam fortes sinais de gramaticalização, funcionando – pelo menos parcialmente – como verdadeiros conectores de tipo preposicional.

- (2) *daqui a dois meses, dentro de dois meses, daí a dois meses, dois meses mais tarde, dois meses depois, passados dois meses, dois meses após as eleições, dois meses depois das eleições, passados dois meses sobre as eleições* [medição prospectiva]

Em Mória (2000, cap. 7) foi feita uma análise formal destas expressões temporais, no quadro da Teoria da Representação do Discurso (na versão de Kamp e Reyle, 1993), que tomo como base para o presente trabalho. Partindo da observação de diversos tipos de texto – especialmente texto jornalístico e traduções de livros de divulgação científica³ (onde certas expressões ocorrem com maior frequência) –, procurarei aqui identificar variações de construção que indiciam fenómenos de mudança linguística ou de desvio no português actual⁴. Com efeito, um facto que se observará bem é que a variação e, com alguma frequência, a anomalia linguística são bastante acentuadas nesta área e se tornam particularmente evidentes em construções que envolvem mais de um conector temporal em sequência (como em (3)) ou uma combinação de uma preposição não temporal e um conector temporal (como em (4)). Nestes contextos, observar-se-á uma certa tendência para a simplificação, eliminando-se muitas vezes um dos conectores adjacentes.

- (3) *entre há, desde há, antes de há, até dentro de, antes de daí a,...*

- (4) *a há, de há, de entre, para dentro de,...*

Como veremos melhor adiante, o estudo das expressões em apreço tem especial relevância para a normalização do subsistema linguístico da **datação**, de importância crucial para algumas áreas do conhecimento, como a geologia ou a paleontologia. Neste subsistema, a variação (entre estruturas de elevada complexidade estrutural) é particularmente acentuada, com a concorrência de diversas construções, algumas das quais sentidas como bastante marginais gramaticalmente. Comparem-se as duas estruturas sublinhadas nos excertos seguintes, exemplificativas desta variação:

- (5) “[A laurissilva] É uma relíquia do período Terciário, ou seja desenvolveu-se entre há 65 milhões de anos (...) e há 1,8 milhões de anos (...).” (*Público*, 01-09-2001, p. 37)

- (6) “(...) nos dias de hoje, podemos reconstituir a história da subida do nível das águas marinhas, entre 14 000 e 9 000 anos.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 129).

Antes de passar à análise dos dados, impõem-se duas observações de carácter geral (e metodológico). Em primeiro lugar, o presente trabalho assume-se como predo-

³ Não tentarei aqui determinar qual a influência das línguas de origem no surgimento das construções atestadas em traduções. Esta poderá ser, no entanto, uma questão interessante para investigação posterior.

⁴ Sobre este tema, para o português, veja-se ainda Viegas (1996).

minantemente descritivo, tendo como objectivo principal a identificação de estruturas em competição no português actual. Tal não significa, porém, que a análise formal seja descurada, apenas que não é possível efectuar uma análise desse tipo dentro dos limites espaciais deste texto. Uma consulta de Mória (2000; 2006; no prelo) poderá dar um ideia aproximada da forma que tal tratamento pode apresentar. Em segundo lugar, interessa sublinhar que, apesar da sua extraordinária relevância, não é possível discutir aqui o conceito central de desvio – gerador de alguma controvérsia na literatura – ou as diferenças cruciais entre desvio e variação. No que respeita a estas questões, assumo a definição de desvio de Peres e Mória (1995) e as considerações sobre normalização linguística que expendi em Mória (2005). A este propósito, refra-se ainda que as observações sobre maior ou menor aceitabilidade das construções incluídas neste trabalho são essencialmente baseadas nos meus juízos (apoiadas, nos casos de maior dúvida, na consulta a colegas linguistas, falantes nativos de português europeu), na análise técnica da composicionalidade das estruturas e, sobretudo, nos dados estatísticos obtidos a partir dos *corpora* utilizados. São naturalmente de admitir divergências do leitor relativamente a alguns juízos, que, a existir, só reforçam a ideia central deste texto de que estamos perante um sistema com fortes sinais de instabilidade.

2. Expressões de medição temporal retrospectiva

2.1. Modalidades da medição temporal retrospectiva

Começarei por analisar as expressões de medição temporal retrospectiva. Interessa sublinhar que esta medição – bem como, aliás, a prospectiva – pode envolver pelo menos três modalidades distintas, tendo em conta que ela pode ser feita: (i) a partir do momento da enunciação, como em (7); (ii) a partir de um ponto de perspectiva estabelecido discursivamente, como em (8); (iii) a partir de um ponto definido expressamente por um complemento realizado, como em (9). Por facilidade, designarei estas modalidades como: **medição dêictica**, **medição anafórica (nula)** e **medição autónoma**⁵.

(7) As eleições autárquicas realizaram-se **há onze dias atrás**.

(8) As eleições autárquicas realizaram-se no dia 11 de Outubro. As eleições legislativas tinham-se realizado **duas semanas antes**.

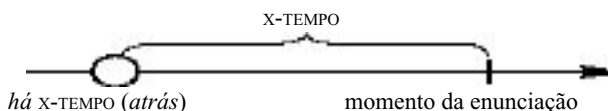
(9) As eleições legislativas realizaram-se **duas semanas antes das eleições autárquicas**.

As estruturas que envolvem medição dêictica colocam problemas relativamente distintos dos que surgem associados à medição anafórica ou autónoma, pelo que as analisarei numa secção separada, já a seguir.

⁵ Para uma análise mais pormenorizada dos aspectos relacionados com a anáfora temporal, cf. e.g. Borillo (1983), Kamp & Reyle (1993), Kamp & Schiehlen (2002), Alves (2003).

2.2. Variação e desvio em expressões de medição temporal retrospectiva dêictica

A medição temporal dêictica é feita essencialmente através de expressões com *há*, opcionalmente acompanhadas da partícula (de valor redundante) *atrás*⁶. Estas expressões denotam o intervalo que precede o momento da enunciação na quantidade de tempo expressa no seu complemento (X-TEMPO), como está ilustrado graficamente na seguinte figura:



As expressões com *há (atrás)* podem surgir regularmente num grande diversidade de contextos, como se observa no Quadro 1. Verificaremos adiante que a ocorrência de variação – ou de anomalias – parece ser condicionada em certa medida pela posição, com uma forte tendência para que as formas não regulares surjam mais frequentemente em contextos preposicionados (sombreados no Quadro 1).

	posição	dependência de preposição	exemplos
1	posição de adjunto adverbial	não dependente de preposição explícita, mas discutivelmente associada a uma preposição nula com o valor (de localização temporal) de <i>em</i> [cf. Mória, 2000]	– <i>A ponte foi construída há dois anos (atrás).</i> – <i>Há dois anos (atrás), essa ponte ruiu.</i>
2		dependente de preposição (e.g. um conector temporal explícito, como <i>desde, até, entre, antes de, a partir de</i>)	– <i>A Ana mora em Lisboa desde há dois anos (atrás).</i> – <i>A Ana viveu em Lisboa até há dois anos (atrás).</i>
3	posição de adjunto adnominal	não dependente de preposição explícita, mas discutivelmente associada a uma preposição nula com o valor (de localização temporal) de <i>em</i> [cf. Mória, 2000]	– <i>A construção da ponte há dois anos (atrás) resolveu muitos problemas.</i>
4		dependente de preposição (e.g. <i>de</i> , num modificador de valor temporal, ou um conector temporal explícito, como <i>desde, até, entre, antes de, a partir de</i>)	– <i>Os problemas de há dois anos (atrás) já foram resolvidos.</i> – <i>A permanência de tropas estrangeiras no território até há dois anos (atrás) foi uma consequência da guerra civil.</i>
5	posição argumental	não dependente de preposição (e.g. posição de sujeito)	– <i>Há dois anos (atrás) foi o período mais conturbado da revolução.</i>
6		dependente de preposição argumental (e.g. <i>a, de, para</i>)	– <i>O problema data de há dois anos (atrás).</i>

Quadro 1: Construções regulares com *há (atrás)* – diversidade de contextos

⁶ Alguns autores mais conservadores condenam a utilização da expressão *atrás* (cf., entre muitos outros, D'Silvas Filho, *Prontuário – Erros Corrigidos de Português*, Texto Editora, 2.ª ed., 2003, p. 58). Porém, o uso generalizado desta construção, comprovado por níveis de frequência elevadíssimos em *corpora* de português escrito (tanto na variante europeia como na brasileira), torna insustentável

Passemos agora à observação de estruturas em variação. Em primeiro lugar, regista-se uma construção em que se omite o conector *há* e se mantém apenas a forma *atrás* – **construção com *atrás* simples**. Esta construção – discutida em Mória e Alves (2004) – é sentida como marginal ou anómala por muitos falantes do PE, mas é comum em PB (e parece ser até predominante nos contextos em que a expressão temporal depende de preposições, como se refere no artigo mencionado). Apesar da sensação de estranheza que provoca em muitos falantes, existem abundantes registos desta construção em textos portugueses, de que aqui transcrevo quatro exemplos (incluindo uma abonação literária, o que é talvez sintomático da tendência para a sua integração na norma), envolvendo diversos tipos de contextos:

- (10) “Momentos atrás, sem nenhuma razão especial, [Mara] veio até junto de mim, com o seu animal de regaço que é agora um gato cinzento, depois de, em hora nefasta, ter perdido a rola, muito alva, que lhe vinha comer à mão.” (*Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, Mário de Carvalho, Ed. Caminho, 7.^a ed., 1994, p. 13)
- (11) “Nós já conhecemos o nosso passado. Temos registos orais que vão até 10 000 anos atrás.” (*Y, A Descendência do Homem*, Steve Jones, trad. do inglês, Gradiva, 2004, p. 181)
- (12) “Este cenário está em total contraste com os computadores de alguns anos atrás – antes da era da Internet – (...)” (*Expresso*, 2.^o Caderno, 14-12-2002, p. 16)
- (13) “O que se conhece (...) é a resposta de Borrego (...), datada de poucos dias atrás.” (*Corpus CETEMPúblico 1.7 v. 4.0*, ext1260926-soc-93a-2)

Em segundo lugar, regista-se uma construção – porventura mais estranha do ponto de vista da computação do significado – em que se omitem os dois elementos *há* e *atrás* e se usa, portanto, um predicado de quantidades de tempo simples com valor de medição retrospectiva – **construção com predicados de quantidades de tempo simples**. Esta construção – também estudada em Mória e Alves (2004) – é sentida como muito marginal ou mesmo totalmente agramatical por muitos falantes do PE (e parece também não gozar de plena aceitação entre os falantes de PB, embora seja mais frequente nesta variante). Os casos documentados em Mória e Alves (2004) envolvem apenas duas preposições – *desde* e *de* (esta última acompanhada de *para cá*) – que têm a particularidade de formar expressões dêicticas, i.e. ancoradas no momento da enunciação⁷. Apesar da rejeição

a defesa do seu carácter não-padrão. Na realidade, verifica-se que as duas estruturas – com e sem a forma (redundante) *atrás* – estão em variação livre no português contemporâneo.

⁷ Este facto poderá explicar – por razões que não procurarei explorar aqui – que sejam estas as preposições que ocorrem com maior frequência na construção em causa. Note-se, aliás, que existem construções paralelas no francês, com *depuis*, e no alemão, com *seit*.

comum entre os falantes do PE, estas construções surgem esporadicamente em textos portugueses, incluindo em abonações literárias como a de (15).

- (14) “Felizmente atrás e à frente da cortina vivemos, desde algum tempo, um ambiente extremamente saudável e confortável (...).” (*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext205552-des-93b-1)
- (15) “De pé unicamente a árvore, desde séculos estarecida e hirta, a árvore maldita que no seu reino servia de força.” (in Raul Brandão, “O Mistério da Árvore”, *Antologia do Conto Português*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2.^a edição, 2003, p. 109)
- (16) “Esta unidade industrial (...) estava em situação próxima da rotura financeira já de algum tempo para cá (...).” (*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext44295-soc-92b-1)

Interessa sublinhar que esta construção – em que predicados de quantidades de tempo denotam intervalos – parece surgir igualmente noutras contextos (podendo suscitar, por vezes, problemas de interpretação). Segue-se (de A a F abaixo) uma lista das ocorrências registadas, muitas delas retiradas de traduções de obras de divulgação científica. Todas elas parecem envolver algum grau de anomalia, principalmente se confrontadas com as diversas alternativas canónicas com o conector *há*.

A. Construção anómala a partir de X-TEMPO

- (17) “– Disse-me que a tectónica das grandes placas funciona agora segundo modos que são bem conhecidos... – Sim. A partir de 2 mil milhões de anos, podemos descrevê-la com regras que nos são familiares.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 79)

Este caso tem bastantes semelhanças com os que foram observados anteriormente. Com efeito, o conector temporal *a partir de* pode identificar – como aliás acontece em (17) – um intervalo que se inicia no momento indicado no seu complemento e se estende até ao momento da enunciação (caso em que tem um valor equivalente a *desde* e *de... para cá*). Assim, podem construir-se alternativas canónicas à construção de (17) com *há* – *a partir de há dois mil milhões de anos (atrás)*; *desde há dois mil milhões de anos (atrás)*; *de há dois mil milhões de anos para cá* – ou, mais simplesmente, com o adjectivo de valor dêictico *últimos* – *nos últimos dois mil milhões de anos*. A construção com *a partir de há*, embora não muito frequente (apenas 4 ocorrências no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0), parece perfeitamente gramatical. Eis dois exemplos do referido *corpus*:

- (18) “A partir de há algum tempo, a Diamond Multimedia tem vindo a conformar às especificações do Windows 95 as suas placas gráficas (...).” (ext55392-nd-95b-1); “(...) este campeonato tem visto aumentar o número de pilotos inscritos. Sobretudo a partir de há quatro anos atrás, quando a Seat criou o

popular Troféu Marbella que permitiu que muitos jovens se iniciassem nos ralis (...).” (ext912897-des-91b-1)

B. Construção anômala *entre x e x-TEMPO*

- (19) “A nossa civilização humana desenvolveu-se assim num interglaciário que principiou há 12 000 anos (...). Entre 9000 e 6000 anos, houve um período ainda mais quente e húmido que hoje.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, pp. 84-85); “(...) o ponto culminante da formação dos Alpes é o Mioceno, um período do Terciário que se situa entre 20 e 5 milhões de anos, quando os primeiros antropóides acabavam de surgir.” (*ibid.*, p. 106); “Num ponto entre 50 mil e 100 mil anos, a humanidade terá estado à beira da extinção (...).” (*Diário de Notícias*, 26-11-2009, p. 30)

As construções com *entre* ocorrem com bastante frequência na referência a épocas antigas, comum em certas áreas científicas, mas não em discurso jornalístico. Ainda assim, o *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 contém 8 ocorrências da construção canónica, que integra o conector *há*. Dentro destas, observam-se algumas variantes: (i) com repetição de *há* no segundo membro da coordenação (2 ocorrências) – cf. (20); (ii) com repetição da unidade de tempo relevante no primeiro membro da coordenação (1 ocorrência) – cf. (21); (iii) sem as repetições atrás referidas (5 ocorrências) – cf. (22):

- (20) “No início do período seguinte – entre há dez mil e há quatro mil anos, o carvalho negral coexistiu com o lusitano.” (ext246327-clt-soc-95a-1)
- (21) “Os dinossauros viveram (...) entre há 230 milhões de anos e 65 milhões de anos.” (ext1419926-clt-97b-1)
- (22) “Segundo um estudo realizado por paleontólogos (...), nada, na análise de inúmeros fósseis de um período compreendido entre há 3 e 1,8 milhões de anos, faz crer que essa hipótese tenha algum fundamento científico.” (ext834797-clt-97b-2)

C. Construção anômala *por volta de x-TEMPO*

- (23) “Ora, encontramos as marcas de glaciares gigantes que, há 2,4 mil milhões de anos, desciam até ao mar. E ainda outros, mais tarde, por volta de 700 milhões de anos.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 80)

Esta construção parece não ser muito frequente. No *Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 não há qualquer registo da variante anômala ilustrada em (23) nem das variantes canónicas, que neste caso podem ser duas (dada a ambivalência da sequência *por volta de*: (i) *por volta de há* (700 milhões de anos), com *por volta de* a aplicar-se a uma expressão que denota um intervalo; (ii) *há por volta de* (700 milhões de anos), com *por volta de* a aplicar-se a uma expressão de quantidade.

D. Construção anómala PREP_{ARGUMENTAL} X-TEMPO

- (24) “Os fósseis datam de 47 milhões de anos e as espécies identificadas eram semelhantes aos *Maiacetus*.” (*Diário de Notícias*, 05-02-2009, p. 31); “Ainda datados de 65 milhões de anos, também se encontraram quartzos colididos.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 111)

A omissão de *há* em complementos de predicados temporais de localização do tipo de *datar* ou *datado* parece ser relativamente pouco frequente. Numa pesquisa parcial no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, encontraram-se apenas 3 ocorrências (com os predicados em causa), contra mais de uma centena de ocorrências da construção canónica, com *há*. Sobre a ocorrência desta construção com o predicado *remontar*, que parece ser mais frequente, veja-se o *excursus* adiante.

E. Construção anómala [X-TEMPO]_{SUJEITO}

- (25) “Sessenta e cinco milhões de anos não é uma época muito recuada: era difícil acreditar que tudo tivesse sido apagado.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 110)

Esta é uma construção particularmente curiosa, em que um predicado de quantidades de tempo simples é usado na posição de sujeito para referir um intervalo (em combinação com uma expressão predicativa – *recuado* – que se aplica a expressões denotadoras de intervalos). A construção alternativa com *haver* (*atrás*) na posição de sujeito – *há sessenta e cinco milhões de anos (atrás)* não é uma época muito recuada – parece não ser muito frequente e alguns falantes consideram-na um pouco estranha, ainda que não agramatical. Uma estrutura claramente nominal com *o período há* parece ser também rejeitada por alguns falantes: *o período há sessenta e cinco milhões de anos (atrás)* não é muito recuado. Dada a escassez de dados de *corpora* (não foram encontrados no CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 registos de nenhuma destas duas construções), é difícil avaliar a sua naturalidade. No caso concreto de (25), existe ainda uma alternativa interessante, que consiste em manter o predicado de quantidades de tempo na posição de sujeito – tal como está – e mudar a expressão predicativa para uma forma semanticamente compatível (que predique sobre uma quantidade de tempo e não sobre um intervalo). A construção resultante, plenamente gramatical, seria: *sessenta e cinco milhões de anos* não é muito tempo.

F. Construção anómala [X-TEMPO]_{APOSTO NOMINAL}

- (26) “(...) as torrentes de basalto do Decão sobrevieram numa data mágica: 65 milhões de anos, a época em que os dinossauros desapareceram.” (*A Mais Bela História da Terra*, André Brahic *et al.*, trad. do francês, Edições Asa, 2003, p. 110)

Termino a ilustração dos contextos em que encontrei predicados de quantidades de tempo simples com o valor de expressões denotadoras de intervalos com uma ocorrência na posição de aposto nominal. Claramente, o uso do conector *há* parece aumentar substancialmente a naturalidade da construção: *as torrentes de basalto do Decão sobrevieram numa data mágica: há 65 milhões de anos (atrás), a época em que os dinossauros desapareceram.*

Excursus. A sequência *a há*

Ainda no que respeita à medição retrospectiva dêictica, é de destacar um fenómeno curioso, mais por razões morfológicas que sintáctico-semânticas, que envolve a justaposição de duas formas foneticamente próximas: a preposição *a* e o conector temporal *há*. Tal acontece com relativa frequência quando se usa o verbo *remontar* (*a*) ou as locuções prepositivas *em relação a* ou *relativamente a*.

(27) <i>remontar a</i> <i>relativamente a, em relação a, face a</i> <i>anteriormente a, posteriormente a</i>	}	<i>há</i> X-TEMPO (<i>atrás</i>)
--	---	---

Teoricamente há quatro construções possíveis: (i) manutenção dos dois elementos – *o problema remonta a há dois anos (atrás)*; (ii) eliminação da preposição *a* por um mecanismo de tipo haplológico – *o problema remonta há dois anos (atrás)*; (iii) eliminação do conector *há*, mas manutenção de *atrás*, ou seja, opção pela construção com *atrás* simples, que é corrente em PB – *o problema remonta a dois anos atrás*; (iv) eliminação dos dois elementos (usando, mais uma vez um predicado de quantidades de tempo simples como uma expressão denotadora de intervalos) – *o problema remonta a dois anos*.

Muito resumidamente, os dados do *corpus* CETEM público 1.7 v. 4.0 indicam que a construção com haplologia é claramente a preferida: a construção com *a há* tem apenas 3 ocorrências (1 com *remontar*, 2 com *em relação a*) – cf. (28); a construção com *atrás* simples – corrente em PB – tem 10 ocorrências (6 com *remontar*, 2 com *em relação a*, 3 com *relativamente a*, 1 com *face a*) – cf. (29); a construção haplológica, com eliminação da preposição *a*, tem 56 ocorrências (44 com *remontar*, 11 com *em relação*, 1 com *relativamente*) – cf. (30); a construção com eliminação dos dois conectores temporais, porventura a mais anómala de todas, tem um número significativo de ocorrências (25), em combinação com o verbo *remontar* – cf. (31).

(28) “O historial da dinastia de Karadjordjevic (...) remonta a há menos de dois séculos e esteve sobretudo ligado aos sérvios.” (ext1018765-nd-91b-2); “Afinal a «história» repete-se no país, ainda que (...) com uma evolução mais favorável da economia e do poder de compra dos habitantes, em relação a há vinte anos atrás.” (ext120510-nd-95b-2)

(29) “O interesse pelos espaços com mais de três dimensões remonta a várias décadas atrás (...)” (ext1448455-clt-soc-94a-2); “Os desvios em relação às

sondagens anteriores são consideráveis: Chirac sobe seis pontos percentuais em relação a 15 dias atrás (...)” (ext1313100-pol-95a-2); “Os resultados deste estudo (...) indicam que a situação conheceu um agravamento relativamente a um ano atrás (...)” (ext1286020-clt-soc-95a-1); “As vendas de cimento aumentaram 13,8 por cento, face a um ano atrás, durante este período (...)” (ext917179-clt-91a-2)

- (30) “O caso remonta há cerca de cinco anos, quando a autarquia moitense construiu no local um viaduto.” (ext1122100-soc-98b-1); “Na sondagem, aparece ainda muito distante de Bob Dole como republicano favorito (...), embora tenha registado progressos em relação há duas semanas (...)” (ext1123082-pol-96a-2); “De entre todos os entrevistados, só 19,8 por cento admitiram ter sido vítimas de um crime neste período, o que representa uma sensível evolução relativamente há um ano (...)” (ext1192710-nd-96b-2); “O número de testes do VIH/sida em Portugal duplicou face há dois anos.” (*Diário de Notícias*, 27-11-2008, p. 15)
- (31) “E ao Japão (foram encontrados sítios com indústrias muito arcaicas, remon-tando a 300.000 anos, mas talvez o homem seja anterior a isso). (ext29232-nd-92a-1); “O despacho para a realização do PDM de Amarante remonta a mais de uma década, tendo sido dado pelo vereador Fernando Sousa (...).” (ext66757-soc-95a-1)

2.3. Variação e desvio em expressões de medição temporal retrospectiva anafórica nula e autónoma

Consideremos agora aspectos de variação e desvio em estruturas que envolvem medição retrospectiva anafórica nula e autónoma. Recordemos que os conectores que marcam este tipo de medição são, canonicamente: (i) *há* ou *havia* – não acompanhados de *atrás* – na medição anafórica – cf. (32); (ii) X-TEMPO *antes* – sem recurso ao verbo *haver* – na medição anafórica e na medição autónoma – cf. (33)-(34).

(32) A Ana arranjou emprego em Maio. Tinha-se licenciado há / havia três meses.

(33) A Ana arranjou emprego em Maio. Tinha-se licenciado três meses antes.

(34) A Ana licenciou-se três meses antes {de casar / do fim do ano}.

No que respeita às expressões temporais que envolvem estas duas formas de medição, foram detectados pelo menos dois tipos de desvios e a emergência de um curioso tipo de ambiguidade. O primeiro tipo de desvio envolve a **substituição anómala de *antes* por *atrás***. Com efeito, como já vimos, a expressão *atrás* funciona essencialmente na medição dêictica, pelo que se afigura como estranha a sua presença nas sequências (35) e (36), em que o pretérito mais-que-perfeito aponta claramente para um valor anafórico.

- (35) “A bandeira era «o *souvenir* favorito de marinheiros (...)», disse ele adiantando que a recebera de presente 15 anos atrás e hasteara no mastro (...)” (*Público*, 03-12-1992, p. 28)
- (36) “(...) proporem a uma actriz voltar a encontrar um livro de que ela tinha gostado anos atrás é sempre qualquer coisa...” (*Corpus CETEM* público 1.7 v. 4.0, ext125587-clt-92a-2)

O segundo tipo de desvio envolve uma espécie de cruzamento de construções, em que se usam simultaneamente os conectores *há* e *antes* (em medição anafórica nula ou medição autónoma). A **construção anómala *há... antes*** em estruturas com medição anafórica está ilustrada no curioso exemplo (37):

- (37) “Porque será que os autocarros de Londres sobrevivem ao tempo (já eram assim antes da guerra; e **desde há quantos anos antes?**) e os mesmos modelos, em Lisboa, desapareceram sem deixar rasto?” (*Corpus CETEM* público 1.7 v. 4.0, ext616686-soc-98b-2)

Naturalmente, a presença da preposição *desde* torna a estrutura mais complexa (e porventura difícil de avaliar do ponto de vista da sua naturalidade). Em todo o caso, parece haver pelo menos três alternativas possíveis: (i) a construção só com *há* – ... e *desde há quantos anos?*; (ii) a construção só com *antes*, talvez estilisticamente menos preferida, mas natural em certos contextos – ... e *desde quantos anos antes?*; (iii) uma construção mais simples, sem *desde*, onde *há* possui um valor de duração ancorada (cf. Mória, 2006) – ... e *há quantos anos?*

A construção *há... antes* em estruturas com medição autónoma – i.e. com um complemento expresso – causa uma sensação de estranheza porventura maior. Temos dois exemplos em (38) e (39), curiosamente com uma estrutura bastante complexa, dada a presença de uma preposição exterior, *até*. Em qualquer dos casos, a eliminação do conector *há* gera uma estrutura plenamente gramatical⁸.

- (38) “Lima tinha estado suspenso da Ordem **até há vinte e dois dias antes da publicação da notícia.**” (*Corpus CETEM* público 1.7 v. 4.0, ext859246-pol-94b-2)
- (39) “Depois de espetar uma estaca de quase seis metros de comprimento no leito do delta do rio Kennebec, (...) a equipa norte-americana conseguiu datar as alterações que esse mesmo local tinha sofrido **até há 10.850 anos antes do presente.**” (*Corpus CETEM* público 1.7 v. 4.0, ext1454178-clt-soc-94b-1)

⁸ No caso de (39), é possível uma alternativa com *há* (dêictico), eliminando o complemento (de valor dêictico) *o presente*: ...*até há 10.850 anos (atrás)*.

O excerto seguinte apresenta a particularidade de ser ambíguo e conter um tipo de desvio distinto consoante a interpretação pretendida (que não se consegue deduzir apenas a partir do texto da notícia):

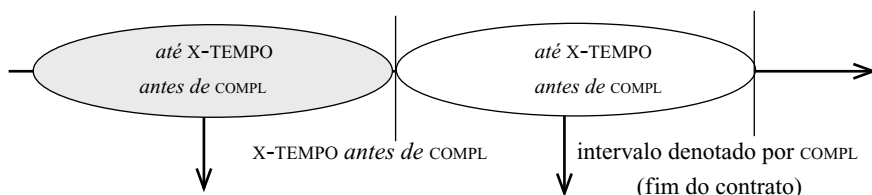
- (40) “Na altura, (...) Zita Seabra contava ser candidata a deputada pelo PSD. As coisas não lhe saíram conforme os desejos. Já há quatro anos antes, o lobby soarista tentou convencer Jorge Sampaio a colocá-la nas listas do PS.”
(*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext1125298-pol-95b-1)

Na interpretação em que o ponto de perspectiva é o momento em que Zita Seabra contava ser candidata a deputada pelo PSD (associado a *na altura*), estamos perante um tipo de construção anómala *há... antes* semelhante à de (37), em que o tempo verbal também requer alteração (cf. construção canónica para esta interpretação: *já há quatro anos / já quatro anos antes (disso)... tentara...*). Na interpretação em que o ponto de perspectiva é o momento da escrita da notícia, ocorre uma adição indevida de *antes* (cf. construção canónica para esta interpretação: *já há quatro anos (atrás)... tentou...*).

Por fim, registe-se uma ambiguidade bastante curiosa, para a qual João Peres (c.p.) chamou a minha atenção, exemplificada numa frase como a seguinte:

- (41) O pedido de renovação deverá ser entregue até três meses antes do fim do contrato.

A questão é se esta frase significa que o pedido em causa deve ser entregue nos três meses que precedem imediatamente o fim do contrato (período não sombreado, na figura abaixo) ou ainda antes desses três meses (período sombreado na mesma figura).



com uma antecedência mínima
de X-TEMPO em relação a COMPL:
 $até_{TEMP} [X-TEMPO \text{ antes de COMPL}]$

com uma antecedência máxima
de X-TEMPO em relação a COMPL:
 $[até_{QUANT} X-TEMPO] \text{ antes de COMPL}$

Por outras palavras: a expressão *até X-TEMPO antes de COMPL* pode significar tanto com uma antecedência máxima como com uma antecedência mínima de X-TEMPO em relação ao intervalo identificado pelo complemento. Isto decorre naturalmente da ambiguidade da preposição *até*: (i) *até* pode ser uma expressão quantificacional, impondo um limite máximo a uma quantidade – cf. *gasta até cem euros* (i.e. não mais de cem euros) ou *podes demorar até três horas* (i.e. não mais de três horas); é a interpretação presente na “leitura de antecedência máxima”; (ii) *até* pode também ser uma preposição

temporal, que aplicada a uma expressão que denota um intervalo remete para o intervalo precedente – cf. *até 1980*, *até ao fim do ano*; é a interpretação presente na “leitura de antecedência mínima”.

A importância de evitar esta ambiguidade em textos legais é óbvia. Porém, verifica-se que, na legislação portuguesa, a expressão em causa ocorre com os dois valores aqui descritos. No antigo Estatuto da Carreira Docente Universitária (ECDU), por exemplo, ocorre com a leitura de antecedência mínima (em vários artigos). De acordo com esse estatuto, os assistentes tinham de pedir a dispensa de serviço docente com uma antecedência mínima de seis meses relativamente ao fim do ano lectivo: “até seis meses antes do termo de cada ano lectivo”, segundo o diploma – cf. (42). Já no preâmbulo do recente decreto-lei sobre aposentação dos trabalhadores da Administração Pública, encontramos a leitura de antecedência máxima: os funcionários podem pedir a aposentação com a antecedência máxima de três meses em relação à data em que reúnem as condições para o fazer: “até três meses antes de reunirem todos os requisitos para a aposentação”, diz o preâmbulo – cf. (43) (veja-se, no entanto, a formulação diferente, não ambígua, no articulado do diploma, em (44)). Estamos pois perante uma ambiguidade potencialmente geradora de muita confusão.

– **Leitura de “antecedência mínima”**

(e.g. Antigo ECDU, Decreto-Lei n.º 448/79, com alterações posteriores)

(42) “Durante os períodos referidos no n.º 1 do artigo anterior, os assistentes (...), a requerimento dos interessados feito até seis meses antes do termo de cada ano lectivo, têm direito a ser dispensados das actividades docentes, por um máximo de três anos, a fim de prepararem os respectivos doutoramentos (...).” [Art.º 27.º, n.º 1 (Dispensa de serviço docente dos assistentes)]

– **Leitura de “antecedência máxima”**

(e.g. Decreto-Lei n.º 238/2009, sobre a aposentação dos trabalhadores da Administração Pública)

(43) “(...) existem ainda alguns aspectos (...) que importa melhorar de molde a agilizar a apreciação de pedidos de aposentação voluntária, nomeadamente com a possibilidade de os interessados poderem [sic] apresentar junto da Caixa Geral de Aposentações (...) os requerimentos para a aposentação voluntária até três meses antes de reunirem todos os requisitos para a aposentação, tal como se verifica actualmente no regime da segurança social.” (1.º par.º do preâmbulo do diploma).

(44) “O pedido de aposentação pode ser apresentado com a antecedência máxima de três meses em relação à data em que o interessado reúna todos os requisitos para a aposentação.” (Art.º 1.º [alteração ao n.º 4 do art.º 39.º do Estatuto da Aposentação])

3. Expressões de medição temporal prospectiva

3.1. Modalidades da medição temporal prospectiva

A medição temporal prospectiva – tal como a retrospectiva – pode ser feita a partir do momento da enunciação, de um ponto do eixo do tempo identificado anaforicamente ou de um intervalo definido por um complemento expresso. As três modalidades de medição temporal em causa – dêictica, anafórica (nula) e autónoma – estão exemplificadas nas frases abaixo, onde se evidenciam os diferentes conectores utilizados.

– Medição temporal prospectiva dêictica

(45) A conclusão da obra está prevista para {dentro de / daqui a} seis meses.

(46) A lei estará em vigor até {?dentro de / daqui a} seis meses.

(47) A nova lei entrará em vigor {dentro de / daqui a} cinco meses.

– Medição temporal prospectiva anafórica (nula)

(48) A obra teve início em Fevereiro. Foi concluída {daí a seis meses / seis meses depois / seis meses mais tarde / passado(s) seis meses}.

– Medição temporal prospectiva autónoma

(49) A obra foi concluída seis meses {depois de / após} ter sido iniciada.

(50) Passado(s) seis meses {sobre / de} o início da obra, ainda não se verificam grandes avanços.

3.2. Variação e desvio em estruturas de medição temporal prospectiva (dêictica, anafórica e autónoma)

No que respeita à medição prospectiva, foi detectado um caso muito interessante de variação (ou anomalia). Envolve estruturas que marcam anterioridade aos intervalos definidos com medição temporal prospectiva, ou seja, estruturas complexas em que as expressões de medição coocorrem com a preposição *antes*.

As frases de (51) e (52) ilustram três estratégias diferentes, para a medição dêictica e anafórica nula, respectivamente: (i) manter todos os conectores relevantes, *antes de daqui/daí a* ou *antes de dentro de*, como em (51a) e (52a); apesar de ser a forma mais lógica do ponto de vista da composicionalidade da interpretação, não foram encontrados registos no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0; (ii) eliminar o conector de medição prospectiva (*daqui/daí a* ou *dentro de*), deixando um predicado de quantidades de tempo simples a denotar um intervalo, como em (51b) e (52b); há largas dezenas de ocorrências desta construção no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0; apesar de ser sentida como anómala por alguns falantes, esta é sem dúvida a construção mais frequente; (iii) optar por uma forma do verbo *passar* ou *decorrer*, ancorada no presente, mas sem um complemento

explícito, como em (51c,d) e (52c,d); também existem algumas ocorrências no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, embora pareçam ser de aceitabilidade bastante duvidosa quando envolvem medição dêictica.

- (51) a. A ponte não reabrirá antes de {daqui a / dentro de} seis meses.
 b. A ponte não reabrirá antes de seis meses.
 c. A ponte não reabrirá antes de decorridos seis meses.
 d. A ponte não reabrirá antes de passarem seis meses⁹.
- (52) A ponte foi encerrada ao tráfego no início do ano.
 a. ... Não viria a reabrir antes de daí a seis meses.
 b. ... Não viria a reabrir antes de seis meses.
 c. ... Não viria a reabrir antes de decorridos seis meses.
 d. ... Não viria a reabrir antes de passarem seis meses.

Como referi, a construção – discutivelmente anômala – em que predicados de quantidades de tempo simples são usados para denotar intervalos (exemplificada em (51b) e (52b)) está amplamente registada no *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0. Seguem-se dois exemplos, envolvendo medição dêictica e medição anafórica nula, respectivamente:

- (53) “Mandela deve ter alta do hospital hoje mesmo, embora não possa retomar as suas funções antes de uma semana.” (ext270356-pol-94b-2)
- (54) “Um quarto das pessoas infectadas pelo vírus da sida não desenvolve a doença antes de 20 anos (...).” (ext1210700-clt-soc-94b-1)

Construções comparáveis envolvendo medição autónoma parecem ser bastante mais raras e causadoras de maior sensação de estranheza (face às alternativas canónicas com os conectores de medição prospectiva realizados). Eis dois exemplos, um com um complemento expresso, (55), e outro com um complemento subentendido, (56):

- (55) “(...) nenhum acordo pode ser denunciado antes de dez meses da sua publicação” (*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext641045-nd-92a-1) [cf. alternativas: ... *antes de dez meses após a sua publicação*; ... *antes de decorridos dez meses sobre a sua publicação*; ... *antes de terem decorrido dez meses sobre a sua publicação*]
- (56) “(...) iniciámos a discussão com um Universo que tinha um segundo e a levámos até cerca de 400 000 anos. O que aconteceu antes de um segundo?”

⁹ Cf. ainda a seguinte construção curiosa, com o verbo *decorrer* numa oração finita dependente de *antes* e uma expressão (redundante) que indica de forma explícita que a medição é feita a partir do momento de enunciação (*a partir de agora*): “Nada daquilo que os astrónomos e cosmólogos descobriram os leva a acreditar que a morte do universo (...) irá começar antes que decorram vários milhares de milhões de anos a partir de agora.” (*O Jackpot Cósmico*, Paul Davies, trad. do inglês, Gradiva, 2009, p. 207)

(*Após os Três Primeiros Minutos*, P. Padmanabhan, trad. do inglês, Terramar, 2000, p. 149) [cf. alternativas: ... *antes de um segundo após o Big Bang*; ... *antes de o Universo ter um segundo de idade*; ... *no primeiro segundo após o Big Bang*; ... *no primeiro segundo do Universo*]

Quanto à construção com *decorrer* e *passar* e respectivos participípios, os meus juízos (e os de alguns falantes que consultei) são que ela é de gramaticalidade bastante duvidosa na medição dêictica – cf. (57) – e plenamente gramatical na medição anafórica nula – cf. (58)¹⁰ – e autónoma – cf. (59) e (60). Em suma, os predicados em causa parecem admitir o preenchimento do seu argumento relevante com uma categoria vazia anafórica (que pode ser realizada lexicalmente com e.g. *de/sobre esse evento/essa data*), mas não a sua simples supressão (com interpretação associada ao momento da enunciação).

- (57) “Quanto à clínica algarvia Vila-Sol, (...) trata-se de um projecto ainda em fase de estudo que não deverá arrancar antes de decorridos dois anos.” (*Corpus CETEMPúblico* 1.7 v. 4.0, ext1533432-eco-92b-2)
- (58) “O condutor não se apercebeu de nada pelo que a composição não parou. Alguns dos que ficaram em terra deram o alarme, horrorizados – o corpo estava seccionado mas não se imobilizou completamente antes de decorrido algum tempo.” (*Corpus CETEMPúblico* 1.7 v. 4.0, ext841038-soc-92b-1)
- (59) “O mesmo decreto (...) determinava que a consulta ao público do arquivo do Conselho da Revolução não seria facultada antes de decorridos quinze anos sobre a extinção daquele órgão revolucionário.” (*Corpus CETEMPúblico* 1.7 v. 4.0, ext630274-pol-97a-1)
- (60) “Na sexta-feira passada, (...) o Governo brasileiro (...) proibiu mudanças em qualquer novo contrato antes de decorrido um ano da sua vigência.” (*Corpus CETEMPúblico* 1.7 v. 4.0, ext1324165-eco-95b-1)

Refira-se ainda, marginalmente, que em certos casos é possível construir versões alternativas às construções com *antes* usando a preposição *até*, que causa menos problemas. Em (61), temos exemplos destas construções com *até* e medição dêictica (uma construção corrente em (61a) e uma construção menos frequente, mas que não creio ser agramatical, em (61b)), que contrastam com as já referidas construções problemáticas com *antes*, ilustradas em (62). É de referir que obtive algumas opiniões contraditórias sobre a naturalidade destas construções, o que indica claramente que estamos perante estruturas que causam problemas aos falantes.

¹⁰ Notem-se construções como a seguinte, que podem envolver **ambiguidade medição anafórica / dêictica**: “A terceira fase do processo consistirá na construção das instalações propriamente ditas, cujo arranque ocorrerá em 1999 e não deverá estar concluída antes de passados três anos.” (*Corpus CETEMPúblico* 1.7 v. 4.0, ext138-soc-97b-2).

- (61) a. A ponte estará em obras até daqui a seis meses.
 b. ?A ponte estará em obras até dentro de seis meses.
- (62) a. ??A ponte não estará pronta antes de seis meses.
 b. ??A ponte não estará pronta antes de decorridos seis meses.

No *corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0 existe um número significativo de ocorrências da construção relevante com *até* (25 com *até daqui a* e 2 com *até dentro de*). Eis dois exemplos:

- (63) “Os preços de cerca de 80 por cento dos produtos chineses foram liberalizados, tendo o Governo a intenção de liberalizar os preços de todos os produtos até daqui a cinco anos (...).” (ext621493-eco-92b-2)
- (64) “É o vasto pacote anunciado pelo secretário de Estado para a Comunicação Social (...). Que engloba ainda uma nova lei de imprensa e novas regras para o exercício do jornalismo. Tudo até dentro de três meses.” (ext1229781-clt-96a-4)

Termino este texto com um caso curioso, que envolve um cruzamento de construções, à semelhança de outros que já observámos anteriormente:

- (65) “A sua alegação de ter invadido o Kuwait em nome da causa palestiniana não faz qualquer sentido. O dirigente iraquiano nunca mencionou os palestinianos antes de decorridos dez dias após a sua invasão.” (*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext616239-nd-91a-1)

Repare-se que se usam aqui elementos de duas estratégias distintas: a forma *decorridos*, que requer a preposição argumental *sobre* ou *de*; e a forma *após*, que é possível em estruturas que não usem esta forma participial, com a construção canónica que se segue (com aplicação de *antes de* à expressão regular de medição prospectiva autónoma X-TEMPO *após* COMPL – cf. (49) acima):

- (66) “(...) a nova versão do Windows já não sairá em 1994 (...) e nunca sairá antes de seis semanas após estar concluída a versão final (...)” (*Corpus* CETEMPúblico 1.7 v. 4.0, ext62026-clt-soc-94b-2)

4. Conclusão

Como referi inicialmente, as expressões de medição temporal são particularmente complexas, quer por envolverem diferentes conectores, quer por surgirem frequentemente associadas a elementos preposicionais exteriores. Esta complexidade parece estar na origem de uma acentuada variação linguística e da emergência de diferentes tipos de desvios. Nesta comunicação, procurei ilustrar e sistematizar algumas dessas variantes e alguns desses desvios, com pistas que deverão ser tidas em conta no processamento automático destas expressões. Genericamente, podemos considerar que o subsistema gramatical es-

tudado documenta pelo menos os seguintes aspectos, interessantes do ponto de vista do processamento da informação: (i) tendência para supressão de conectores (em estruturas particularmente complexas), que coloca interessantes questões de composicionalidade e de compactação de informação (cf. e.g. eliminação de *daqui a* em sequências como *antes de daqui a dois anos*; eliminação de *há* em sequências como *a partir de há dois milhões de anos*, *entre há nove mil e há seis mil anos* ou *desde há algum tempo*); (ii) tendência para efectuar cruzamentos de construções, que coloca questões de sistematicidade na correspondência forma-função (cf. e.g. construção *há... atrás*, para pontos de perspectiva presentes, vs. *há / havia* (simples) ou *antes*, para pontos de perspectiva não presentes); (iii) tendência para a simplificação de construções, eliminando elementos redundantes e documentando uma inovação linguística (e.g. eliminação de *há* na construção *há... atrás*, particularmente evidente no português do Brasil). Espera-se que a descrição gramatical aqui realizada – que necessariamente terá de ser complementada com uma formalização consistente – constitua um contributo relevante para a tarefa de normalização do importante subsistema gramatical da datação.

Referências

- Alves, Ana Teresa (2003) *Sobre a Localização Temporal Adverbial Anafórica em Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Borillo, Andrée (1983) Les Adverbes de Référence Temporelle dans la Phrase et dans le Texte. *DRLAV Revue de Linguistique* 29, pp. 109-131.
- Kamp, Hans & Michael Schiehlen (2002) Temporal Location in Natural Languages. In Hans Kamp & Uwe Reyle (eds.) *How We Say WHEN It Happens. Contributions to the Theory of Temporal Reference in Natural Language*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 181-232.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.
- Móia, Telmo (2000) *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Móia, Telmo (2005) Algumas Áreas Problemáticas para a Normalização Linguística – Disparidades entre o Uso e os Instrumentos de Normalização Linguística. *Actas do XX Encontro da Portuguesa de Linguística (Lisboa, 13-15 de Outubro de 2004)*. Lisboa: APL, pp. 109-125.
- Móia, Telmo (2006) Portuguese Expressions of Duration and their English Counterparts. *Journal of Portuguese Linguistics* 5(1), pp. 37-73.
- Móia, Telmo (no prelo) Sobre a Expressão Lexical da Duração e da Localização

- Temporal em Português *Actas do 8.º Congresso de Lusitanistas Alemães (8. Deutscher Lusitanistentag)*. Universidade de Munique, 2 a 6 de Setembro de 2009.
- Móia, Telmo & Ana Teresa Alves (2004) Differences between European and Brazilian Portuguese in the Use of Temporal Adverbials. *Journal of Portuguese Linguistics* 3(1), pp. 37-67.
- Peres, João Andrade e Telmo Móia (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Viegas, Filomena (1996) *Aspectos da Semântica dos Localizadores Temporais em Português*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.